

O HERALDO

Proprietario e editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
Redacção e administração—Praça, 10

(ANTIGO "JORNAL DE ANUNCIOS")

Composição e impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
Rua Nova Pequena, 1, 3, 7, 9 e 11—Tavira

N.º 1010

ASSIGNATURA

Para Tavira (semestre)..... 400 réis
Para fóra "..... 500 »
Número avulso..... 20 »
Toda a correspondência deve ser dirigida ao proprietário.

TAVIRA

QUINTA FEIRA, 7 DE NOVEMBRO DE 1901

ANNUNCIOS

Por cada linha..... 40 réis
Os annuncios do commercio e industria, teem redução convencional.
Annuncios permanentes, por ajuste particular extremamente vantajoso.

19.º ANNO

NACIONALISTAS

Ambiciosos insignificantes tentam grupar-se n'uma phalange nova, que possa influir d'algum modo, no mecanismo politico do paiz, na esperança de conseguirem collocações e vantagens que debalde, por outros meios, por longo tempo, solicitaram.

Era-lhes preciso um ideal para cohonestar os seus propositos, e apresentarem-se com elle, ante o publico expectante.

Apezar da brandura dos costumes ainda se não chegou á situação de olhar-se com respeito para os que declaram em publico e raso, que nada mais pretendem do que vender-se, fazendo apenas questão do preço.

Por isso se apropriaram d'um ideal alheio e importaram uma designação. Foi assim que os *nacionalistas* appareceram.

Desmedidamente gananciosos, ha individuos que não estão nunca satisfeitos. Se se lhes não faz o centesimo favor arrancam as pedras da calçada e lapidam com ellas, sem piedade, os que os tiraram do nada.

O reduzido estado maior ostensivo dos *nacionalistas* é constituído por individuos que militaram nos partidos e facções politicas, tirando d'ellas todas as vantagens, locupletando-se por seu intermedio com o que poderam alcançar, mas cuja voracidade crescente não poudé ser satisfeita.

Por detraz d'estes, dirigindo-os, está um como que supremo conselho, onde se urdem planos e tramam combinações compostas de gente que traz roupeta ou veste habitos fradescos.

Em volta, zumbindo, impertinentemente, esvoaçam bandos numerosos de figuras desclassificadas, famintas, de fauces escancaradas, n'um intenso desejo de prêsa, que tarda e se faz esperar.

Faltos da cohesão, que deriva d'um pensamento elevado, ligam-n'os apenas as conveniencias e os interesses de momento.

Transfugas, alguns, de agrupamentos politicos em que nunca passaram dos infimos postos, cançam-se a dizer mal dos homens de governo envenenando-lhes as intenções, pondo intuitos malevolos no que representa apenas função normal, d'administração publica; e condemnam, com apparente enthusiasmo, o que dolorosamente defendiam ha pouco na esperança de remuneração condigna.

Não são christãos porque entre elles só se respiram odios e circumlam malevolencias; mas dizem-se catholicos só porque se acobertam com o manto negro das congregações religiosas, hoje repellido em

toda a parte, como symbolo da *internacional negra*, inimiga confessa da civilização.

Umas vezes descobrem se deante do throno, n'uma saudação reverente, porque esperam que nas mãos lhes caia alguma dadiva para recheiar com ella a sacola de mendicantes ricos que trazem sempre aberta; outras vezes passam desrespeitosos ante os soberanos, rugindo ameaças, e vão para o campo aberto das desforras, propondo ao suffragio, como representante lidimo das suas aspirações, um legitimista militante, o que significa sem duvida divorcio das instituições vigentes.

Não se unem aos republicanos porque estes incomparavelmente mais dignos repellem com brio uma camaradagem que os macularia.

Perpassam incessantemente aavez de todos os arraiaes politicos impando malevolencias, mas promptos a apanhar sem escrupulos graças e favores que lhes concedam.

Gente para mercadejar! Acense-lhes do poder com alguma cousa que valha, e o *nacionalista* irá avido recolhel-a, fazendo negações aos nacionalistas que ficam.

Não é uma legião é um bando.

Ha exemplos que o comprovam.

E todavia é com esta moral e com estes processos que pretendem revolver a sociedade e reformar o mundo, inscrevendo febris nas suas listas de proscripção os nomes dos que lhes impedem o caminho, para queimal-os depois nos seus *autos de fe* nos dias gloriosos da sua dominação, que a phantasia loucamente aquecida lhes vaticina para breve.

Tanto basta para que a acção do poder publico intervenha prompta e radical, acudindo a tempo á obra de inimoralidade que pretendem executar.

VERSOS

*Casada sem piedade,
Vosso amor me ha-de matar,*

*Se vos eu vira casada
Com quem vos bem conhecêra,
Já em vos ver descançada,
Algun descanso tivera;
Mas o vosso mão casar
Dobra minha sautade:
Casada sem piedade,
Vosso amor me hade matar.*

*Para sempre vos casastes,
Para sempre o sentirei,
E pois no casar errastes
Dae-me parte do que errei,
Não vos engane o casar,
Pois não tolhe a liberdade:
Casada sem piedade,
Vosso amor me ha-de matar.*

CHRISTOVAM FALCAO.

CARLOS FUZZETA
ADVOGADO
OLHÃO

O LYCEU DE FARO

Vae em seguida a carta que na semana passada recebemos do illustre vice-reitor do seminario d'ocesano de Faro sobre a questão do lyceu e que a hora tardia de recepção fez com que a não inserissemos no nosso numero passado.

Sr. redactor de «O Heraldo»

Tendo apparecido, no muito acreditado jornal do v., dois artigos sobre o Lyceu de Faro baseados em informações de todo o ponto inexactas, e não permitindo a honestidade de v., honestidade a que folgo de prestar homenagem, o suppôr-se, ao publicá-las, qualquer intuito menos correcto, o que, em jornal pouco digno, seria palpavel, em vista de certas phrases do artigo de 24 do corrente, julguei tornar-me agradável a v., tomando a respeitosa liberdade de vir significar a v. e ao publico que, quando se deram as manifestações da academia de Faro, a que allude «O Heraldo» no referido numero, já o edificio onde funciona o Lyceu, tinha sido officialmente inspecionado pelo dignissimo delegado de saude desta cidade, e condemnado como improprio para estabelecimento desta ordem, e até já se haviam entabulado negociações com a proprietaria da casa Carvalho, na rua de Santo Antonio, para ali se estabelecer o Lyceu, o que não teve effeito, disseram então, porque a mencionada proprietaria levava a mal as manifestações da academia.

O desejo S. Ex.^a Red.^{ma}, o Sr. Arcebispo, seja restituído á mitra o edificio que o Lyceu tem de abandonar «por ordem da sciencia», não se affigurará a ninguém um crime, conhecendo-se a historia desse edificio e a necessidade urgente que o Seminario tem de algumas casas mais, para o seu regular funcionamento.

V. dar-me-hia muita honra e muito prazer, visitando esta casa e verificando «de visu» determinados documentos do nosso archivo, e bem assim as más condições em que trabalhamos aqui.

O edificio do Lyceu foi condemnado pela competente autoridade sanitaria (permitta v. o repito), porque nunca será de mais insistir neste ponto) e essa autoridade, todo o Algarve o sabe, impõe-se pela sciencia, pela independencia e inconcussa honestidade. Mas se, apesar de tão distinctos predicações, v. deseja conhecer e scientificamente discutir-lhe o relatório respectivo, posso torná-lo conhecido, porque a tanto fui generosamente autorisado.

Creio que não se pode ser mais franco e mais leal.

Tenho por certo que v. desconhecia este documento. Por outra forma, não viria «O Heraldo», em manifesta opposição com elle, apresentar o edificio de que se tracta, como aquelle que, «em todo o paiz» está «em melhores condições de luz e de hygiene», e muito menos classificaria de «crível pretexto» a allegada «falta de condições hygienicas».

Fallando assim, faço apenas justiça á illustração e cavalheirismo de v.

Pelo que respeita á discipção que «O Heraldo» apresenta do Lyceu e do largo, houve, ao fazê-la (salvo o que se afirma da amplitude deste) equívoco manifesto, a começar pelo numero das janelas, porque uma boa parte das que «O Heraldo» suppõe do Lyceu, estão occupadas pelo Seminario, o qual chega, no andar nobre, até junto da primeira janella, ao lado esquerdo de quem entra.

Diz-se que o predio para onde vae o Lyceu, não é bom, ficando insufficiente mesmo com as obras que se lhe vão fazer. Pois convidem a sciencia a julgá-lo, e não o acceitem se a sciencia o condemnar.

Não faltará quem se apresse a offerecer outra casa.

O que sobretudo conviria era sem demora, lançarem-se os fundamentos para edificio apropriado.

Sabido é que se paga renda pela Escola Industrial, pela Escola Districtal e pelo Museu Maritimo.

A totalidade do que já se paga, junta á que se ha de pagar pela nova instalação do Lyceu, dá juro para emprestimo com que se pode levantar edificio, onde reunir todas estas instituições.

Lucrava com isso a cidade, que se aformoseava e lucravam os operarios, que tinham trabalho, lucrando não pouco tambem os fornecedores de materiaes, sem que d'ahi viesse a bancarrota do Estado.

Perdõe v., ter-lhe roubado tanto espaço ao seu aprecivel jornal.

Se alguma phrase menos cortez ou menos justa me sahiu dos bicos da penna, dê-a v., como eu a dou, por não escripta, que o meu intuito é simplesmente desfazer equívocos, que não offender ninguém.

Agradecendo a fineza da inserção destas linhas, tenho a subida honra de me assignar

De v. etc.

Seminario de Faro, 29 de outubro de 1901.

Prior, José de Sousa Guerreiro,
Vice-Reitor,

No meio d'este fremente labutar das cousas jornalisticas, onde, ordinariamente, em troca de qualquer discussão digna ou reprimenda justa se conquista sempre farto rosario de malquerenças e dissabôres, é para nós de subido prazer, pela honra de que nos apossamos, o deparar no caminho com contendores da força moral e intellectual do nosso adversario de hoje. Adversario, dizemos, unica e simplesmente pela divergencia de opiniões que manifestamos n'esta malaventurada questão do lyceu de Faro que, para desgraça nossa, tão fu nestamente se consummou. E divergencias dizemos ainda, porque por mais que o illustre vice-reitor nos queira convencer de que á simples resolução da sciencia se deve a sahida do lyceu do edificio onde presentemente se encontra, nada nos dissuade de que essa violencia obedece unicamente a caprichosa vontade do nobre prelado da diocese, a que foi consequente o parecer do digno sub-delegado de saude em Faro, como nos exforcarmos por provar se diversas considerações nos forem permittidas á carta antecedente e a cuja magnanimidade e estylo alevantado e correcto rendemos justo e merecido preito.

Diz sua ex.^a o considerado vice-reitor na sua bem criteriosa carta que em informações de todo o ponto innexactas baseamos os nossos dois artigos sobre a mencionada questão. Queira perdoar sua ex.^a, mas nós é que não nos conformamos com tal e continuamos a manter tudo o exposto nos dois despretenciosos artigos.

Que quando foi da manifestação dos rapazes—diz a carta—já pelo solicito sub-delegado de saude fôra inspecionado o edificio do lyceu e julgada a sua incapacidade. Somos em crêr piamente n'esta asserção que nada vem desdizer do que escrevemos, pois nunca nos referimos á data da inspecção. Apenas dissemos, e dizendo isso dissemos uma grande verdade, que só depois das manifestações dos rapazes se começou a fallar amiudadamente na sahida do lyceu do largo da Sé, a ponto de se apressarem as negociações de contracto com a casa Carvalho, á rua de Santo Antonio, no vulgo conhecida pela *casa das Acafatas* e cuja veneranda proprietaria, especie de *D. Patrocinio* da genial *Reliquia* do Eça, descoberta que fôra a libertinagem dos *zapações* academicos, não quiz ver profanado por elles o ar conventual do seu palacete herdado. Falla esta tentativa procuraram-se urgentemente novos predios e como n'essa indiscriptivel ancia de procura tivesse surgido secundario desejo, de prompto se resolveu assentar a mudança para a casa Guimarães, á rua da Carreira, hoje do Infante D. Henrique. D'onde facilmente se depreheende que muito embora de ha tempo fermentasse a pretensão da mudança do lyceu, a ultima manifestação dos rapazes é que veio precipitar desmedidamente esse acontecimento, levando-o ao triste resultado que todos nós sabemos e de quem em breve se soffrerão as graves consequências.

O desejo Sua Ex.^a Rev.^{ma}, o Sr. Arcebispo-Bispo seja restituído á mitra o edificio que o lyceu tem de abandonar, por ordem da sciencia, não se

afigurará a ninguém um crime. Bate aqui o ponto principal do nosso desaccôrdo, pois entende o nosso pequeno modo de ver que não foi o desejo do virtuoso prelado que subordinou a decisão da sciencia e sim esta se subordinou áquelle. Para o provar não teremos, decerto, documentos officiosos, mas teremos a opinião sincera de todos os que, desinteressados n'esta questão, a ella queiram dispensar toda a justiça do seu parecer e toda a verdade da sua consciencia. Sendo notorio o não haver em Faro qualquer outro predio que, como o do largo da Sé, se prestasse para a insllação do lyceu, não iria o sub-delegado de saude dal-o por proprio em sua expontanea vontade. A inspecção foi, indiscutivelmente, consequencia de insistentes pedidos emanados de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Arcebispo-Bispo d'esta diocese, unico a quem convinha a mudança do lyceu que, instalado ali por força de lei do decreto de 20 de setembro de 1844, só d'ali poderia sair com o tal pretexto da decisão scientifica.

Sabemos muito bem da competencia e inconcussa honestidade do muito digno sub-delegado de saude em Faro, que tambem sabemos ser um cavalheiro em extremo sociavel, muito amigo dos seus amigos e além d'isso possuidor d'um magnanimo coração, pelo que facil lhe foi sacrificar o estimulo da sciencia pela muito boa vontade em aquiescer qualquer pedido particular e em que se punha decidido empenho. Demais, e isto sem querermos disvirtuar a classe medica, esses relatorios de profissioaes vão tendo muito que se lhes diga em Portugal, sendo hoje muito raro o que venha a publico sem occasionar immediata discussão e muito acres censuras. Haja vista á rija polemica em que presentemente se occupa parte da imprensa da capital a proposito d'esse extravagante *paranoiquismo* em que deram alguns medicos de nome consagrado. Vê por isto o digno subscriptor da carta que tambem na alta esphera da classe medica é dado ter excessivos requintes de amabilidade em manifesto prejuizo da verdade scientifica.

Julgo, pois, dispensavel a publicação do relatório. Se, porém, para maior força dos seus argumentos, o illustre sacerdote carecer d'ella, desde já pomos o *Heraldo* á disposição para esse effeito.

A verdade incontestavel é que por muito bem fundamentado que venha o relatório, não conseguirá elle desconvenecer toda a população de Faro e muita da provincia que conhece o edificio do lyceu, das excellentes qualidades em que se encontra o mesmo edificio para que n'elle continuasse funcionando o primeiro estabelecimento de ensino da provincia, indubitavelmente muito superior ao Seminario e que por isso mesmo se não deveria sacrificar em beneficio d'elle. Nem se comprehende como o prelado, extraordinariamente escrupuloso em cousas de salubridade, insista tanto em obter para complemento das instalações do Seminario esse edificio do lyceu tão falho de condições hygienicas—no dizer da sciencia?!

E' que *O Heraldo* não se equivocou ao apontar as excellentes condições do discutido edificio, ao des-

PEDRO-SEM

Fiz-me nauta do Mau-Fado
E antes fosse Cavador,
Ou antes fosse Soldado
Nas guerras desventurado,
Por desventura de amor...

Mal de quem embarca, um dia,
As Naus enchendo de amôres;
E se chama, na agonia,
Pela Senhora da Guia,
Vem a Senhora das Dôres...

A mim colheu-me a procella
No mar alto, sem ninguém;
Foi-se a melhor Caravella
E eu, por perder me com ella,
Perdido fiquei também...

India dos Sonhos, sagrada,
Lá se foi, naquella horror...
A mim deixou-me sem nada
A ventura naufragada
Nesses naufragios de amor...

E hoje que chego, desfeito
De tormentas e de escôlhos,
Andando a males afeito,
Régo a terra do meu peito
Com as ágoas dos meus olhos...

Achei os bons Cavadores
Seus fructos colhendo já,
E eu á Terra dos Amores
Quando mais lhe dou suôres
Mais ella penas me dá...

Sorte de quem vac á guerra,
Sorte de navegador
Que os seus proprios bens enterra,
E se volta á sua terra
Não acha pão nem amor...

Na minha, em triste pelêja,
Só trações vi a meu lado,
E, alma clara e bemfazeja,
Como odiei o Mal e a Inveja
De todos fui odiado...

Do Liz nas frescas ribeiras,
Se devo a seus naturaes,
São só males e canceiras,
Minhas máguas derradeiras
E meus derradeiros ais...

N'essa terra ingrata e brava
Leaes bem poucos havia...
E eu, triste fado me esperava,
Quantos mais loiros ganhava
Mais guerreado me via...

Assim, de tudo o que tinha,
Só achei lá o soffrer...
Nos gados deu a morrinha,
Morreram searas e vinha,
E eu melhor fôra morrer.

Quiz ser nauta assignalado,
No mar da vida, ao desdem,
Mas colhido do mau Fado
Perdi fazendas e gado,
Fiquei tal qual Pedro Sem.

Do Terra de Portugal.

RIBEIRO DE CARVALHO.

Major Athayde d'Oliveira

Acaba de ser arrebatado abruptamente pelas garras traçoceiras da morte, uma das joias mais preciosas da nossa querida provincia e do exercito portuguez—o major João Xavier d'Athayde Oliveira.

Algarvio do mais puro quilate alma inspirada de poeta sonhador, á sua provincia natal dedicava as melhores das suas valiosas produções litterarias, espalhadas em varios contos e lendas pelos varios jornaes do paiz.

Havia muito poucos dias que o tinhamos encontrado, acompanhado de seu filho, distincto alumno do collegio militar, nada fazendo prever um fim tão prematuro.

Intelligente, trabalhador, modesto como a violeta, escondido dentro da sua personalidade tão brilhante, como aquella flor dentro dos canteiros d'um jardim perfumado; deixando todavia prever a todos que com elle tratavam e que tão alanceados foram com a inesperada noticia da sua morte, quão clara e limpida era a sua alma crystallina e quão levantado o seu nobre caracter.

Os numerosos artigos espalha-

dos pelas Revistas da Especialidade da arma que possuia um filho tão dilecto, indicam claramente o publicista distincto, com um senso raro, que era a corôa de loiros que encimava todos os seus originaes.

Ainda temos bem presente o seu ultimo artigo, que foi publicado pela «Revista d'Infanteria», intitulado os Cabos, deixando nos, como sempre gravado na alma uma impressão agradabilissima.

Ultimamente desempenhava o cargo de defensor dos conselhos de guerra da 1.ª divisão militar.

E estava naturalmente no seu papel!

Defensor convicto e não officioso. Em todas as corporações onde pertenceu o nosso illustre e pranteado comprovinciano, deixou um rasto luminoso, como um cometa atravez do espaço.

Por isso nunca vimos uma morte tão sentida, sahindo espontaneamente do fundo d'alma, expressões doloridas, de todos os seus numerosos amigos que inesperadamente recebiam a terrivel noticia da sua morte.

O major Athayde era bom por indole.

Tinha 50 annos d'idade, sendo promovido a alferes para a arma d'infanteria em 12 de janeiro de 1875; a tenente em outubro de 1881; a capitão em outubro de 1886 e a major em fevereiro de 1898.

Fora agraciado com a medalha de prata de comportamento exemplar, com o grau d'offical d'Aviz, habito de S. Thiago e d'Aviz e cruz de merito de 1.ª classe do merito militar de Hespanha.

O seu funeral foi a confirmação mais solemne do seu valimento.

Immensamente concorrido, principalmente pela arma d'infanteria; é-nos completamente impossivel dar uma nota das pessoas que se incorporaram no prestito.

Uma força de capitão do regimento de caçadores 1, deu as descargas do estylo.

Paz á sua alma e os nossos sentidos pezames á arma d'infanteria, e á sua desolada familia.

C. S.

O presbytero Manoel Bernardo Cardoso Botelho Furtado, conego capitular livre da Sé Cathedral de Faro e director espiritual e professor de sciencias ecclesiasticas no seminario diocesano de Faro, foi apresentado em um canonicato da mesma Sé Cathedral, com obrigação annexa do ensino das referidas disciplinas ecclesiasticas no referido seminario, pelo tempo de doze annos.

— Consta que o sr. ministro das obras publicas está animado das melhores intenções de dotar este districto com mais uma escola agricola, a qual será installada na freguezia da Luz, d'este concelho, em um terreno gratuitamente cedido pelo sr. Joaquim Chaves.

REGISTO ELEGANTE

Foi na segunda-feira ultima dia de solemne festa em casa do sr. dr. Joaquim do Nascimento Trindade pelo consorcio de sua gentilissima filha, sr.ª D. Maria Barro Trindade com o distincto alferes d'infanteria 4, sr. José Bernardo da Cruz Vizetto. Finda a cerimonia religiosa que teve lugar pelas 4 horas da tarde na igreja matriz de Santa Maria, houve «copo d'agua» em casa dos paes da noiva, e a que assistiram as familias dos nubentes e diversos convidados d'esta cidade e do Olhão.

Desejamos aos felizes noivos uma venturosa lua de mel.

Chegou a Faro o sr. Botelho da Costa, instructor da escola de alumnos marinheiros.

Retirou para a capital o sr. Vasco Pereira dos Campos, digno major da administração militar.

Vimos na segunda-feira em Tavira o nosso estimavel amigo, sr. Joaquim Nunes Madeira, de Faro.

Regressou á capital o sr. visconde de Lagoa.

Regressou d'Evora a Faro o sr. dr. Pedro Nogueira, distincto reitor do lyceu d'aquella cidade.

Teve lugar na penultima segunda-feira em Portimão o enlace nupcial do sr. João Velloso Leite, junior, tenente d'infanteria 4, com sua prima a sr.ª D. Anna de Serpa Furtado Guerra, prevenida filha do sr. Furtado Guerra, escrivão notario de aquella comarca. Testemunharam a cerimonia os srs. dr. Joaquim Pargana Neves, tio do noivo, e

crever-lhe a belleza incomparavel do recinto, a amplitude do pateo, o sem numero de janellas para o jardim e para o largo, tudo, enfim, o que contribue para tornar essa casa recommendavel exactamente para o que a acham impropria. Creia o digno vice-reitor que nos não equivocamos no numero de janellas, pois que todas as divisões da casa tem d'ellas abundancia, pelo que nunca ha exiguidade de ar ou luz.

Quem escreve estas linhas passou n'esse edificio o melhor da sua mocidade; n'elle levou 5 annos de sonho e de aventura; n'elle assistiu o nosso pequenino cerebro á formação dos mais phantasiados castellos de illusões; n'elle esboçamos os primeiros versos, fizemos as primeiras prosas, sorrimos os primeiros sorrisos; e n'elle, enfim, se concentra todo o poema feliz da nossa mocidade agora envelhecida ao extrebuchar dos 22 annos. Depois de trocarmos pela alpaca horrorosa d'uma manga a nossa capa phantasiasta de bohemio, abalámos de lá, ha 5 annos, para virmos cumprir trabalhos forçados de repartição a que nos condemnaram, talvez por toda a vida. E no martyrio atroz d'este degredo apenas nos serve de allivio a saudade feliz de esses tempos passados. Quando o accaso nos leva até areias de Faro, pode muito bem ser que nos não demoremos em observar os novos arruamentos á Esperança, o estylo mourisco do matadouro ou a arborisação moderna da alameda; mas nunca deixaremos de visitar o lyceu, ir reviver ali a nossa mocidade, perscrutar n'aquella athmosphera qualquer recordação juvenil e visitar saudosamente todos aquellos recantos, onde em cada pedra ha um bocado de lenda e em cada

logar a recordação d'uma campanha alegre. E d'aqui a pouco, quando fechar de todo essa porta carunchosa que serviu de talha a canivetes artistas, não mais poderemos saciar este desejo tão intimo e tão doce de buscar o theatro do nosso tempo mais feliz para com elle enterter a amargura do presente. Querem fechar nos por força a Alhambra da nossa vida!!!

Creemos ter dissertado sobre todos os pontos da carta que nos motivaram estas considerações e se no resumo de tudo isto não ficou de pé a doutrina dos nossos dois antecedentes artigos, attribua-o o leitor á nossa insufficiencia intellectual e litteraria e não á falta de razão que de todo está por nosso lado.

No respeitante ao ultimo alvitre da carta, estamos de pleno accordo com elle—visto que o lyceu tem de sair, construa-se uma casa propria, com o que muito economisa o estado. E visto isso bom seria que o seminario fosse demorando a sua pretensão para que o lyceu continue ali até á passagem para o edificio proprio.

Terminaremos este desalinhavado artigo prestando as nossas sinceras e muito respeitadas homenagens ao illustre vice-reitor do seminario de Faro, cujas referencias amaveis, embora immerecidas, de todo nos penhoramos. Não translusirã nos nossos artigos esse cavalheirismo que tanto ennobre e abrilhanta a carta de s. ex.ª, mas vontade nos não faltou em avivar bem toda a consideração e respeito que tão justamente lhe dispensamos, como, de resto, dispensamos a todos os que o merecem.

Dos novos carris adquiridos pelo conselho de administração dos caminhos de ferro do estado, destinam-se alguns ao ramal de Villa Nova de Portimão.

— Pensa se na criação de uma escola primaria em Benafim, freguezia de Alte.

— Foi exonerado, a seu pedido, do lugar de secretario do lyceu nacional de Faro, o nosso estimado amigo e illustrado professor do mesmo estabelecimento, sr. João Rodrigues Aragão.

— Foi já á assignatura o decreto exonerando o sr. Adriano da Cruz Leiria, de contador e distribuidor no juizo de direito da comarca de Faro e nomeando para este

logar seu filho, o nosso estimavel amigo, sr. João Marinho Leiria.

— Foram reciprocamente transferidos: para Loulé, o escrivão de fazenda do concelho de Tavira, sr. José d'Azevedo Pacheco; para Tavira, o escrivão de fazenda do concelho de Loulé, sr. Ernesto Vieira de Mattos.

— Reassumiu a regencia da sua cadeira, no lyceu de Faro, o sr. dr. José Antonio Vasco Mascarenhas.

— Foi definitivamente despachado para a regencia da cadeira do primeiro grupo do lyceu nacional de Faro, o sr. Luiz Sepulveda Pimentel Mascarenhas.

— O rendimento da alfandega de esta cidade, no mez de outubro, ultimo, foi de 507#684 réis.

ELEIÇÕES MUNICIPAES

Publicamos em seguida os nomes dos cavalheiros eleitos nas ultimas eleições municipaes para vereadores nos concelhos do districto de Faro e respectiva côr politica, faltando apenas os de Albufeira e Villa do Bispo que não recebemos até á hora do nosso jornal entrar na machina:

FARO

Effectivos:—Dr. José Emygdio da Conceição Flôres (de Tavira), João Rodrigues Aragão (de Tavira), Francisco José Medina, João Gomes Relego Arouca (de Tavira), Ventura Coelho de Vilhena (de Tavira), José Dias Sancho, Francisco Martins Caiado, Epaminondas de Brito Carrajolla e João Palermo Virtudes.

Substitutos:—Antonio Pedro Leal, João Basilio Correia, Francisco Guerreiro Affonso Junior, Carlos Antonio Mascarenhas, José Maria Guieiro, Manoel Viegas Vallagão, José Pereira da Machada Junior, Joaquim Affonso de Brito e Manoel Gago Junior. (Governo.)

TAVIRA

Effectivos:—Sebastião José Teixeira Neves de Aragão, Joaquim Thomaz Pires Corrêa d'Azevedo, Sebastião da Cruz, José Rodrigues Pinheiro Centeno, Antonio da Conceição Chaves, Joaquim da Fonseca Junior e Antonio Gil Cardeira.

Substitutos:—Francisco Antonio das Chagas Franco, Carlos José Gomes, João Rodrigues Pinheiro Centeno, Joaquim Antonio Pacheco, Justino Augusto Ferreira, Joaquim Fernandes Avelar e João Martins Gimenes. (Governo.)

SILVES

Effectivos:—José Duarte d'Almeida, Gregorio Nunes Marcarenhas, Hermenegildo José de Mira, Augusto José Monteiro, Manoel Figueiredo Mascarenhas, Ignacio dos Santos Netto e João José Callado.

Substitutos:—Joaquim Diogo Mascarenhas Netto, Manoel Antonio Aguas, José Victorino Mealha, Bernardo Jacintho, Gregorio Joaquim Martins, Joaquim Rodrigues Pontes e Antonio Pedro Ramos. (Accordo.)

LAGOS

Effectivos:—Paulo Mascarenhas de Mello, Francisco de Paulo Fogaça, Manoel Cassio d'Almeida Tovar, Joaquim do Nascimento Gorreia e Antonio Joaquim de Sousa.

Substitutos:—Antonio Rodrigues Garcia, José Miguel Dias, João Carlos Nunes, Alexandre Augusto Paletti e Antonio Joaquim de Magalhães. (Governo.)

LOULE

Effectivos:—Joaquim de Sousa Faisca, José Fernandes Guerreiro, Joaquim Aniceto Faria Aboim, Jacintho Alexandre Corrêa Neves, Domingos Antonio Pereira de Miranda, Carlos Christovão Gomes Pereira e Manoel Gonçalves Pires.

Substitutos:—José Martins Farrajota, Manoel Christovão de Sousa, José Gonçalves Rocheta Senior, João de Sousa Bento d'Oliveira, Joaquim Antonio Vida Errada, Antonio Guerreiro de Barros e Antonio Sebastião Teixeira. (Governo.)

OLHÃO

Effectivos:—Carlos Fuzeta (Dou-

tor), Manoel Thomé Viegas Vaz, Manoel Pereira Pinha, Manoel Antonio Soares, José Guerreiro Mendonça, Bento Correia Carrajolla e Antonio Augusto de Carvalho Pessoa.

Substitutos:—Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, Pedro Lopes Mendes, João de Mendonça Lopes, Antonio Rodrigues Carrajolla, Casimiro d'Albuquerque, João Lopes Anjinho e José de Sousa Netto. (Governo.)

V. R. DE SANTO ANTONIO

Effectivos:—Frederico Alexandrino Garcia Ramirez, João Antonio Carrilho, José Joaquim Capa, Antonio Gil Madeira e João de Sousa Medeiros (sobrinho).

Substitutos:—Manoel Firmo Rodrigues, José Pedro de Lima, Francisco Malaquias Domingues, Damião de Sousa Medeiros Junior e Francisco Fernandes Piloto Junior. (Progressista.)

PORTIMÃO

Effectivos:—Visconde da Rocha de Portimão, Luiz Maria Vieira, Joaquim Gualdino Pires, Frederico Mendes Bastos e Antonio do Carmo Provisorio.

Substitutos:—Ignacio Quintino de Avellar, Joaquim da Conceição Franco, Francisco Rodrigues Viana, Abilio Acacio Paiva d'Andrade e José Joaquim Fernandes. (Governo.)

LAGOA

Effectivos:—Antonio Maria Mascarenhas Judice, Antonio Carlos Vieira, Antonio Pedro Mendonça, Joaquim Pedro Bitorres Cabrita e José Mora Martins.

Substitutos:—Sebastião Drago d'Azevedo Lobo, Manoel Pires Faleiro, Luiz Dionizio Junior, João Gregorio dos Reis e João Ramires Martins. (Francaceos.)

MONCHIQUE

Effectivos:—Joaquim Mascarenhas Pacheco, Izidro Baptista Costa, José Martins Carneiro, José Nunes Metello e Manoel Lourenço do Valle.

Substitutos:—Antonio Francisco Cacorino, Antonio Messia Pinto, Raphael Ventura, José Furtado e José Fernandes Correia. (Governo.)

ALCOUTIM

Effectivos:—Prior Antonio José Madeira de Freitas, Manoel da Silva Teixeira, Antonio Sebastião de Freitas, Eduardo José Lopes e Manoel Alves.

Substitutos:—Joaquim Mestre Teixeira, Francisco de Barros Moraes, Antonio Pereira Jacintho, Antonio Sousa Alves e Joaquim José Lopes. (Governo.)

CASTRO MARIM

Effectivos:—João Celorico Drago Madeira, Antonio Francisco da Costa, José Francisco da Encarnação Molarinho, Manoel Vaz Albino da Rosa e José Ignacio dos Santos.

Substitutos:—Antonio Gregorio Jacintho, Jacintho Celorico Palma, Sebastião Marcellino, Estevão Antunes Vaz Palma e Domingos Joaquim Alberto. (Progressista.)

ALJEZUR

Effectivos:—Manoel Rodrigues Nobre, José Rosendo Correia, Antonio Neves, Pedro Borba Serrão e Leandro Estacio d'Olveira.

Substitutos:—Francisco Alves Nobre, Avelino Antonio dos Santos, José Rodrigues Nobre, João de Jesus Ramos e Manoel Francisco de Mattos. (Progressista.)

Monumento ao Poeta cavador

Manoel Alves

Subscriptores:

Thomaz da Fonseca....	4#500
Mayer Garção.....	500
João de Barros.....	1#000
Joaquim Gomes.....	500
Simões Ferreira.....	1#000
Domingos de Castro....	500
Lopes d'Oliveira.....	1#000
Antonio Santos.....	1#000
João Lucio.....	1#000
Marcos Algarve.....	1#000
B. P.	500
Somma....	12#500

Lopo Jose Aguado Leote Tavares, capitão d'infanteria 15 e cunhado da noiva.

Regressou da capital a Faro o sr. Augusto Carlos Freire Pires, official de fazenda aposentado.

DO ENTE

Encontra-se enfermo desde ha dias, com uma angina dupla, o nosso particular amigo, sr. Joaquim Fernandes d'Avellar, honrado commerciante da nossa praça.

O ROMANCE

DE
JOÃO GARRIDO
(TRAD.)
DE BENEZIT

Em Chevenoz, pequena aldeia dos Alpes, suspensa como um ninho d'agua acima do abismo, onde murmura o Dransa, habitava João Garrido e este passava para toda a gente por um doido. Quando viam este ente, envolto n'uns fatos muito curtos, caminhar com os braços muito abandonados e desproporcionadamente compridos, os cabellos castanhos longos e dispersos, cahindo sobre os hombros; uns olhos azues muito á flor do rosto, fixos na onda, como indifferente a tudo que não fosse o seu ideal, convidava a dizer com ares contristados:—Coitado! Está doente! Mas não, o João Garrido não era doido. Era um poeta inconscientemente poeta, o poeta da phantasia e do sonho. Os montanhezes sentiam quando o fitavam, esta especie de respeito, misturado com a crença que inspiram as anomalias da natureza.

Com o seu olhar doce e meigo, todos o deixavam tranquillo.

O seu prazer era caminhar atravez das florestas sombrias dos abetos, observando todos os recantos do extenso valle do Dransa, d'aspectos tão variados que o seu olhar avidamente interessado não se saçava de contemplar este espectáculo deslumbrante da natureza.

Depois de ter começado a estação sublime, João Garrido tinha-se afeiçoado a uma especie de gruta natural situada a uns metros á direita de Chevenoz, sobranceira á aldeia e a uma parte do valle. Com um bocado de pão de centeio no bolso, partia ao despontar do sol para o logar da sua predilecção e não voltava senão já noute cerrada.

O que admirava tanto o poeta? Certamente a paisagem desenvolvida deante dos olhos, com os seus bosques e pastagens semeadas de gados, os chalets dispersos pelos flancos dos abismos, a toalha prateada da corrente, com os seus claros e escuros, e de voz surda e delicada era o bastante para manter qualquer imaginação sensível em contemplação durante innumeras horas.

Todavia o olhar de João, não deixava de se dirigir constantemente para um chalet que assentava n'um nivel inferior ao da gruta, apenas distante uma centena de metros e logo que se abria, pela manhã, a janella do lado esquerdo d'aquelle palacio para elle encantado, da cara do poeta irradiava uma alegria intensa. Uma cabeça encantadora de rapariga apparecia logo na janella de sacada, João inclinava-se para ella como se quizesse lançar-se atravez do espaço e ficava em extasi de deante d'um idolo.

A que parecia ter tanta influencia sobre a alma simples do poeta da natureza, M.^{lle} Rosa Raymundo, tinha vindo passar com a sua mãe, viuva d'um industrial lyonez, os dois mezes de verão nas montanhas da Saboya.

João Garrido amava Rosa. O que tinha sido necessario para isso? Nada! Quasi nada!

Um dia, durante um passeio, Rosa lamentava-se de não poder apanhar uma flor que estava muito alta: João ouviu a e alguns momentos depois depositava a flor desejada nas mãos da encantadora rapariga. Agradeceu-lhe com um sorriso... e foi o bastante.

Não tornou mais a ver João Gar-

rido e não devia vel-o novamente. Não sonhava a joven e encantadora lyoneza, que um ser humano a requestava, cheio d'uma admiração muda e que se tornava a sombra da sua sombra.

Um dia, vio Garrido com espanto que as duas habitantes do seu encantado chalet, sahiam mais cedo do que a hora habitual, surprehendendo o apuro extraordinario da toilette de Rosa.

O montanhez irritou-se contra isto, sem comprehender o que se passava...

As duas damas, seguiam o caminho de Tisonon e logo João vio um homem vestido com um uniforme militar, dirigir-se apressadamente para ellas.

Era o noivo de Rosa, Jorge Darcourt, tenente do 2.º regimento de artilheria.

Aproveitando a licença d'um mez vinha, antes das grandes manobras, gosar a esplendida paisagem alpina ao lado da sua futura esposa.

Jorge e Rosa amavam-se como podem amar-se dois corações juvenis, puros e generosos; tambem quando se viram depois de quinze dias de separação, foi como se realisasse uma festa ideal da muita afeição intima das suas almas.

Lá em cima, na gruta, João Garrido soffria e com o olhar fixo no grupo que caminhava para o chalet, rolavam-lhe as lagrimas quentes, que cahiam uma a uma sobre o coração despedaçado.

Tinha comprehendido que este joven official tinha chegado por causa de Rosa e que ambos se amavam... Rosa amava outro!

No fundo de todo o amor, mesmo puro, mesmo natural, existe sempre uma ponta d'egoismo.

João nunca tinha fallado aquella joven... Lembrar-se-ia ella apenas do seu encontro? O que havia de intimo entre ambos?

O pobre rapaz dominado por um sentimento novo, a elle tinha entregue a sua alma e não pensava n'outra cousa.

Gosava uma felicidade infinita, absoluta, em amar, isto satisfazia plenamente ao seu coração.

Quando Jorge lhe appareceu encheu-se de ciumes. Soffre horriavelmente. Accusou o official de vir roubar-lhe o seu idolo—e, a par do seu amor immenso e suave, casto como um canto seraphico, nasceu e desenvolveu-se um sentimento mais forte: o odio!

Nunca mais João Garrido conseguiu adormecer. Abandonou o seu observatorio e estabeleceu a sua nova morada n'uma espessa moita que se erguia a alguns passos da habitação rustica. Noite e dia alli persistio, escutando na sombra. A aproximação da que elle adorava, mais o fazia soffrer. Ouvia cantar perto d'elle este amor, que constantemente architectava sonhos do futuro, castellos tão facéis de construir, mas tão rapidamente reduzidos a pó impalpavel.

E cada uma d'estas palavras impressas n'uma alegria radiante, brotando d'um amor reciproco, entrava no seu coração como uma lanceta.

Uma tarde, este coração ferido, pulou de contentamento. Ouvio dizer:

—Então Jorge, sempre desejás absolutamente ir á ponte do Diabo?

—Sim...

—E' uma temeridade, senhor Jorge, replicava a mãe. Os montanhezes chamam a esta passagem ponte do diabo, porque só o diabo pode alli passar; segundo elles dizem. Imaginai meu amigo... uma aresta tendo apenas um metro de largura, entre dois abismos.

—Justamente... ha o atractivo do perigo.

—Jorge, replicava a voz dourada de Rosa, tu não tens piedade de mim.

—Pequena assustada!... dizia o official, cuja voz engrossava docemente; isso é um defeito muito feio para a mulher d'um soldado.

—Pois sim... convenço-me d'isso; tenho medo, mas peço-te que não vás.

—Ah! pensava João torturado de desespero; porque quer ella impedil-o!...

João conhecia bem a ponte do diabo, este arco vertiginoso que liga

os dois cumes do monte Pôdre. Resistindo ás supplicas das duas senhoras, o official impunha o seu desejo de ir tentar a excursão.

O sol começa a subir. Flechas d'ouro saltam do horizonte vindo quebrar-se d'encontro aos cumes dos altos rochedos e reflectem-se em mil salpicaduras agarradas ás menores saliências. Uma toalha de nevoa fluctua sobre o valle d'onde parte o rugido da corrente até ao arrojado excursionista.

N'um quarto d'hora Jorge chegara á ponte do diabo. Detem-se e contempla a paisagem.

A cerração desaparece a pouco e pouco. Já alguns casacos reluzem nas profundidades da Garganta. Emfim a aldeia de Chevenoz apparece aos olhos de Jorge, semelhante a um minuscuro brinquedo de creança. Dirige o seu binoculo n'esta direcção e distingue o chalet habitado pela sua amada.

Alguna cousa branca fluctua n'uma das janellas e o joven official sorri: era o signal combinado. Tira o seu lenço e agita-o... Vel-o-ha ella? Envia um beijo atravez do espaço e retoma alegremente o seu caminho.

Eil-a finalmente.

O pé pousou sobre o arco da ponte e deteve-se um momento. Os dois abismos teem com effeito uma profundidade vertiginosa. Mas irá recuar? A superioridade do homem na criação, affirma-se pela sua vontade. A carne treme; mas o espirito commanda a carne. Deu o primeiro passo. A rocha formada de uma especie de calcareo schistoso se desfaz debaixo dos seus pés, de onde vem o nome de monte Pôdre dado á montanha. O soldado tem um momento de recuo... Não é para tentar...

—Vamos então! Exclama elle, terei eu por acaso medo?

E resolutamente atira-se sobre o arco diabolico...

Sorria agora da sua curta hesitação.

Repentinamente, o sol desmaçava-se por detraz d'um rochedo e vae incidir-lhe em cheio no rosto.

Offuscado, Jorge deu um passo em vão... Escorrega e solta um immenso grito... Estava perdido!...

Quando voltou a si estava sentado junto a uma fonte por onde tinha passado recentemente.

A memoria volta-lhe... e lembra-se sem perturbação... do abismo cavado deante d'elle... D'algum que o agarrou quando ia despenhar-se atravessando o espaço... Mas quem?... Está só!

Dois semanas passaram. Jorge faz procurar por toda a parte o seu salvador. Trabalho inutil.

Os montanhezes sorriam, teratido o official «o mal da montanha», antes de ter chegado á ponte do diabo, dizem elles, e julgará ter cahido sobre a ponte.

O official está quasi a acreditar.

Decorrem os annos; Jorge e Rosa são os esposos mais felizes do mundo. Nunca saberão a quem devem a sua felicidade. Em quanto a João Garrido, retomou a sua existência contemplativa. Está um pouco mais triste, eis aqui tudo e murmura um nome que ninguem pode ouvir.

E quando os velhos e velhas avós o veem passar, benzem-se com devoção e murmuram: «Pobre doido!» sem se suspeitar que este doido arrancando dos braços da morte o homem que destruía o seu sonho, venceu o odio para evitar as lagrimas nos olhos d'aquelle que elle adorava loucamente.

J. CORREIA DOS SANTOS.

TROVOADA

Hontem á tarde desencandeou-se n'esta cidade, uma forte trovoadá, a primeira d'este inverno e que foi de alto lá com ella. Pelas 6 horas da noite começaram tambem a cahir fortes bategas d'agua.

Está aberta a sessão.

O HERALDO

COMPRAM-SE n'esta redacção os n.ºs 986 e 1005 d'O Heraldo.

SERÕES

Publicação mensal a 200 réis cada volume. Assigna-se no estabelecimento de

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

Veja-se o numero specimen que está patente n'este estabelecimento.

MERCADO DE GENEROS

TAVIRA

DIA 3 DE NOVEMBRO

Trigo.....	630	14 litros
Cevada.....	380	»
Centeio.....	500	»
Milho.....	560	18
Aveia.....	380	»
Grão de bico....	950	»

A anemia.

Uma carta mostrando como esta molestia pode ser curada.

A anemia é uma das molestias mais rebeldes que um medico tem a combater. É uma condição de sangue-empobrecido, que quer dizer que o organismo não tira alimento, e está, portanto, n'um estado que quasi se pode descrever pela phrase, "Mantendo-se á fome."

Deixae que vos apresentemos um caso de anemia:

Porto, 20 de Março de 1901.

A anemia quiz ser sempre minha companheira; nunca foi possível fazel-a despegar de mim, apesar de tantos remedios que tomei sem ao menos me alliviar, sempre com dôres de cabeça, olhos inflamados, muitofraça, etc.; minha mãe, como visse em minha irmã os bons effeitos da EMULSÃO DE SCOTT, obrigou-me a tomal-a,



EMILIA JULIA PEREIRA.

pois desde então para cá sinto-me perfeitamente bem disposta, abrandando-me os dôres de cabeça, desaparecendo-me a inflamação dos olhos, enotando em mim bastante força.

Podem V. Sas. servir-se d'esta carta para utilidade de muitos, porque á vossa EMULSÃO DE SCOTT devo a minha saude.

Sou com toda a estima
De V. Sas. att.a e obr. da
EMILIA JULIA PEREIRA.

Rua da Carvalhoza, 47.

A EMULSÃO DE SCOTT cura a anemia sem esforçar a digestão. Nutre o sangue com oleo de fígado de bacalhau, que é apresentado de tal forma que é logo absorvido. Combinados com o oleo de fígado de bacalhau estão os hypophosphitos de cal e soda, e a glicerina, os quaes muito enaltecem o valor medicinal d'este preparado.

Para todas as condições de anemia, como as que se manifestam na tuberculose e outras enfermidades debilitantes, a EMULSÃO DE SCOTT é o melhor remedio que se possa empregar. É preciso, porem, comprar só a preparação genuina, conhecida pela nossa marca de fabrica: Um homem segurando um grande peixe sobre o hombro. Esta marca registada se achano emolucio de cada frasco legitimo, e indica um remedio de toda a confiança.

ANNUNCIOS

CONSULTORIO MEDICO

D. Alexandre Pereira d'Assis, dá consulta, todos os dias das 10 horas da manhã ao meio dia. Rua Serpa Pinto n.º 33 (vulgó rua da Cadêa) Faro. (5744)

EDITAL

O DR. DIOGO TAVARES DE MELLO LEOTE, juiz de direito da comarca de Tavira, por S. M. F. Que Deus Guarde etc.

FAÇO SABER que, tendo de se substituir o official de diligencias de este juizo de direito, Antonio Pedro Machado, por haver sido considerado impossibilitado physica e permanentemente de exercer o seu cargo, corre o praso de 30 dias a contar d'esta data, chamando os pretendentes ao logar de substituto d'aquelle official, para que n'esse praso se me apresentem e façam seus requerimentos que deverão instruir com certidões do registo criminal e de isenção do serviço militar. E para constar fiz passar o presente e ontros de igual theor que serão devidamente affixados. Tavira 30 de outubro de 1901. Eu José Joaquim Parreira Faria, escrevão o escrevi.

Diogo Tavares de Mello Leote. (5773)

EDITAL

A Camara Municipal do Concelho de Tavira

FAZ PUBLICO:

QUE no dia 20 do corrente mez, pelas 12 horas da manhã, ás portas do paço d'este concelho se ha de proceder em hasta publica e a quem mais der, á arrematação das seguintes receitas do municipio a cobrar no proximo futuro anno de 1902.

Taxas do mercado municipal

Taxas do 1.º ramo dos impostos indirectos, base da licitação....	
Taxas do 2.º ramo dos impostos indirectos, base da licitação....	3:546\$300
Taxas do 9.º ramo dos impostos indirectos, base da licitação....	
Taxas do 12.º e 13.º ramo dos impostos indirectos, base da licitação....	

Paço do concelho de Tavira, 5 de novembro de 1901.

O presidente,

(5777) João Possidonio Guerreiro

Monte-Pio Artistico Tavirense

AVISO

POR ordem do sr. presidente da assembléa geral, é esta convocada a reunir-se pelas 4 horas da tarde do dia 10 do corrente mez de novembro, na sala das sessões da associação, a fim de se dar cumprimento á segunda parte do artigo 73.º dos estatutos.

Visto ser esta a segunda convocação, a assembléa funcionará com qualquer numero de socios que compareça.

Tavira e sala das sessões do Monte-Pio Artistico, aos 3 de novembro de 1901.

O secretario,

(5770) Joaquim José do Matto.

ADUBO CHIMICO

DE superfosphecto de cal de 18 %, vende-se posto em Tavira ou em Faro, pelo preço da factura.

Trata-se com Justino Ferreira ou na casa Falcão, Tavira. (5774)



CASAS

VENDE-SE uma morada, terreas, com 8 compartimentos e uma bello quintal com arvoredos, situada no Largo do Carmo, d'esta cidade. Quem pretender dirija-se ao seu proprietario, José Vaz Ribeiro d'Aboim, residente n'esta cidade. (5775)

CHARRETTE

VENDE José Falcão Berredo. (5776)

